



ISSN: 1983-8379

Inventário Poético do Espaço em Rosa e Manoel de Barros

Francis Paulina Lopes da SILVA¹

RESUMO: Propõe-se uma leitura da geografia poética no discurso ficcional de Guimarães Rosa e em poemas de Manoel de Barros, enfatizando a presença da terra como identidade cultural. O espaço é demarcado poeticamente pelo escritor mineiro: registro da memória e das histórias orais, pela experiência do *sertão* que “vige dentro do homem”. E em Barros, a representação espacial configura a opção linguística e existencial por uma poética das “*ignoranças*”, enfatizando as “grandezas do ínfimo”, recolhidas dos “aguamentos” e do lodo viscoso do pantanal.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia poética; Guimarães Rosa; Manoel de Barros; Literatura e identidade cultural.

ABSTRACT: This essay aims to outline a reading of poetic geography in this fictional speech of Guimarães Rosa and in Manoel de Barros' poems, emphasizing the presence of the glebe as a cultural identity. The space is poetically demarcated by the writer from Minas Gerais: a record of the memory and the oral stories, due to the experience of the wilderness that "prevails within man." And in Barros, the spatial representation sets the option for a linguistic and existential poetics of "ignorances", emphasizing "the magnitudes of undermost," collected from "aguamentos" and slimy mud of the swamp.

KEYWORDS: Geography poetic; Guimarães Rosa, Manoel de Barros, literature and cultural identity.

*A lua faz silêncio para os pássaros,
– eu escuto esse escândalo!*

(Manoel de Barros)

1. O espaço demarcado poeticamente

Falar de uma geografia poética em Guimarães Rosa (1908-1967) e Manoel de Barros (1917) é deixar-se envolver pelo universo de um discurso que se constrói a partir de um projeto pessoal, de revitalização da memória coletiva. Porém, pela palavra artesanal, inserida em um contexto de contínuo processo de construção de identidade cultural, essa escritura não

¹ Professora Adjunta aposentada do Departamento de Letras e Artes da UFV. Doutora em Ciência da Literatura – Teoria Literária, pela UFRJ. Mestre em Teoria Literária pela UFJF. Autora do livro: *Murilo Mendes: Orfeu transubstanciado*, pela Editora UFV. Endereço eletrônico: francispls@terra.com.br.



ISSN: 1983-8379

se cristaliza nos limites do regionalismo: ultrapassa-o e se universaliza, em sua maneira sutil e engenhosa de sondar o ser humano, aprendendo a arte de viver, independente de tempo e espaço.

Segundo Paul Ricoeur, define-se uma coletividade ou um indivíduo “através de histórias que ela narra a si mesma sobre si mesma e, destas narrativas, poder-se-ia extrair a própria essência da definição implícita na qual esta coletividade se encontra” (1985, p. 432).

A forma poética com que esses dois autores brasileiros recolhem a essência narrativa dessa coletividade – do *sertão*, para Guimarães Rosa e do *pantanal*, para Manoel de Barros – traduz-se em torno do seu imaginário, das crenças e mitos que reavivam a memória cultural e identificam sua maneira própria de se defrontar com a vida, o mundo, a realidade.

Esse tecido poético se compõe de complexa trama discursiva que, em geral, metaliguisticamente, configura a geografia física e humana, como espelho de uma visão de mundo singular e específica. Trata-se do olhar contemplativo e reflexivo que aprende lições da vida rústica, das coisas simples do cotidiano, sobre a arte de viver e sobreviver.

2. Guimarães Rosa e a memória cultural do sertão das Gerais,

Na construção poética de Guimarães Rosa, complexa e multifacetada, pela densidade do olhar voltado para a alma humana, o narrador conduz o leitor pelas veredas do *ser-tão* que “vige dentro do homem”. A arte com que se tramam os enredos e *desenredos* imita a vida simples

Segundo Clifford Geertz, “A cultura de um povo é um conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem eles pertencem” (1989, p. 321). Guimarães Rosa, mais que antropólogo, um artesão da palavra e profundo humanista, recolhe, de suas andanças pelas terras inóspitas dos Campos Gerais, as narrativas orais do povo sertanejo.

Exímio contador de estórias, ele apresenta ao leitor, como em *flashes*, um painel humano, cultural e geográfico do sertão, em seus exercícios de engenhosidade verbal. Capaz de travestir-se no discurso da oralidade do sertanejo, em inúmeros flagrantes do cotidiano



ISSN: 1983-8379

agreste, o narrador rosiano recolhe, resgata e divulga a vitalidade latente no mundo marginal da cultura popular, provocando a revolução da linguagem ficcional.

Em sua caracterização humana dos sertões, Rosa se detém, como pretexto, no geográfico-regional. Entretanto, seu discurso ultrapassa os limites do espaço físico e busca desenhar o espaço existencial, onde o ser humano se confunde e se identifica com a aridez fecunda dos sertões sem tamanho, um lugar inóspito, mas sedutor, por seus desafios e surpresas que envolvem em mistério o imaginário do homem rústico que o habita. Assim, na urdidura do espaço textual rosiano, torna-se universal a ideia de sertão e do sertanejo, privilegiando o olhar da alteridade.

Em geral, o sertão designa uma região predominantemente rural e anacrônica, opondo-se à cidade, considerada como centro mais avançado de progresso e civilização. Nessa terra sem lei, sem limites, sempre vence o mais forte. Em Rosa, entretanto, os grandes sertões se confundem com a natureza humana, em que predomina o sistema de valores do jagunço, relativizando valores e ideias. Nessa região misteriosa, ilimitada, múltipla e ambígua, coexistem Deus e o Demo, sossego e confusão, heróis e monstros. E nesse microcosmo se debate o homem, entre o ser e o não ser, na eterna busca da felicidade ou, ao menos, da sobrevivência.

Nesse espaço físico-existencial, é, pois previsível o inesperado, o grotesco invade os sonhos, quebra as expectativas, rompe a lógica, ora gerando conflitos, ora até mesmo se incorporando à rotina cruel do sertanejo, na busca da sobrevivência em meio ao inóspito.

Em *Grande sertão: veredas*, os sertões rosianos se configuram como o lugar do homem-humano à margem do convívio urbano que se diz *civilizado*, lugar do *outro*, do diferente, “onde o criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho da autoridade” (ROSA, 1995b, p. 11), onde tudo é possível. É o lugar do provisório e do imprevisível, onde “Viver é muito perigoso...” (1995b, p. 37). E por isso mesmo, também em Rosa, numa releitura de Euclides da Cunha, constata-se que “o sertanejo é antes de tudo, um forte” (1995, p. 179).

Nas veredas da escritura de Guimarães Rosa, em que se vai tecendo o fio narrativo pela fala de Riobaldo, ao desvelar a sua odisséia, toda uma trajetória existencial percorre o universo do sertão, com suas múltiplas possibilidades. Intercalam-se, na narrativa de

3



ISSN: 1983-8379

Riobaldo, situações vividas na travessia dos jagunços, ora de vitórias, ora de fracassos. A ficção rosiana apresenta frequentes cenas de companheirismo e bravura, chegando a seduzir o leitor por um lirismo envolvente, intercalando-se com situações de extrema selvageria, lembrando as tramas de contos de fadas, que dão vida a monstros e dragões inesperados, a adiarem, ou desfazerem as expectativas e sonhos do protagonista... e mesmo do próprio leitor.

O perfil do jagunço vai se delineando nessa oscilação entre o bem e o mal, entre Deus e o *demo*, sonho e imaginação, fé e descrença, situando-se sempre na posição fronteira que o próprio ambiente dos sertões lhe impõe.

Na escritura do sertão assim se configura, em Rosa, a *lição do homem provisório*, de que tratamos em outro ensaio, ao sugerir ao leitor um constante aprendizado sobre a palavra e a identidade do sertanejo, em sua provisoriedade:

Guimarães Rosa confere ao não convencional a imagem dos grandes sertões, que ultrapassam a noção de espaço físico, geográfico, para se tornar metáfora da própria alma humana. Como Riobaldo, ele vai desafiando sua odisseia, que é a saga do próprio homem humano, rude e sensível, provisório, porém determinado, em seus princípios, questionando os conceitos e práticas do código social vigente [...]. Do homem humano – o sujeito mal instalado – que ousa aprender com a vida e o mundo, em busca de seu lugar, sua identidade (SILVA, 2006, p. 109).

No texto rosiano, o sertão se torna lugar da síntese, onde é possível ser e não ser. Um espaço mais existencial que físico, onde sempre se está a caminho; aí tudo é possível. Para o sertanejo, homem sem raízes, o sertão é sem limites e por isso, “Dois vaqueiros que se encontram, falam em nome de regiões” (ROSA, 1995b, p. 1039), como observa o autor, em “Pé duro, chapéu de couro”, um conto-documentário sobre um grande conagraçamento de vaqueiros, publicado em *O Jornal*, em 28 de dezembro de 1952.

A provisoriedade característica da vida sertaneja, segundo Rosa, também se sugere na metáfora dos grandes sertões de Riobaldo/Rosa, pela dicotomia bem/mal, do mal, contrapondo-se ao bem, a alinhar toda a narrativa:

O diabo existe ou não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas a cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água ou desfaz o barranco, sobre a cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso...

4



ISSN: 1983-8379

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! (1995b, p. 22-23).

Desse constante oscilar, “retombando” entre duas possibilidades faz-se a provisoriedade do sertão. Assim, conforme a situação, como “viver é perigoso”, o ato de matar pode ser tanto uma maldade, ou um ato de honra, defensivo ou justiceiro.

Assim Rosa promoveu a revolução da linguagem e tornou a literatura seu instrumento de constante reflexão sobre a arte perigosa de viver com autenticidade, consciência e liberdade, como ele confessara, na entrevista a Günter Lorenz:

Queria libertar o homem desse peso, devolver-lhe a vida. Não há nada mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo “compromisso do coração”. A literatura tem de ser vida! O escritor deve ser o que ele escreve (1995a, p. 48).

E nessa literatura de compromisso, em que a arte imita a vida, Rosa espelhou-se no espaço figurativo do sertão, com sua amplitude, mistérios e desrazões, pois ele mesmo afirmara: “Levo o sertão dentro de mim e o mundo no qual vivo é também o sertão” (1995a, p. 49).

“E pôs-se a fábula em ata” (1995b, p. 557). Assim, como observa o próprio narrador rosiano, no desfecho do conto “Desenredo”, a escritura de Guimarães Rosa resgata e vivifica a memória, num rico painel humano, existencial, cultural e geográfico, tendo como referência as figurações do espaço do sertão.

3. Manoel de Barros: o pantanal e a poética das “ignoranças”

Na literatura brasileira da modernidade, o poeta, fazendeiro e advogado do Pantanal Matrogrossense, Manoel de Barros elabora uma poética do contradiscurso, configurando sua opção linguística e existencial por uma contemplação das “grandezas do ínfimo”, recolhidas dos “aguamentos” e do lodo viscoso do pantanal.

Na produção de um texto, em geral, diferencia-se o inusitado do usual na verbalização das ideias, mas tratando-se de linguagem escrita, planejada e espontânea de um autor de obra literária, indaga-se a forma de sua produção como um saber fazer e representar proposital, mesmo improvisado, ou um fazer acidental com representação imprevista. Entretanto, em Manoel de Barros, observa-se



ISSN: 1983-8379

uma grande afinidade com a arte de desfazer teias mentais muito cristalizadas e a ousadia em bulir com a gramática, como bem observa o psicanalista Coutinho Jorge:

O ato poético é igualmente da ordem da mensagem, do arrancar uma mensagem singular e subjetiva (intra-subjetiva) do código do discurso comum, no qual se dá a comunicação (inter-subjetiva). Os poetas o afirmam de inúmeras maneiras, como, por exemplo, Manoel de Barros: “A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos.” E ainda: “Não gosto de palavra acostuada”. E também: “Carrego meus primórdios num andar./ Minha voz tem um vício de fontes./ Eu queria avançar para o começo./ Chegar ao criancimento das palavras./ Lá onde elas ainda urinam na perna./ Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos./ Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem...” (2005, p. 85).

Essa pesquisa poética, em favor do *criancimento das palavras*, da *verdez primal* elege o outro, o diferente, chega a construir uma *poética das ignoranças*, a perseguir o lado agramatical, na captação linguística das sensações à flor da pele.

Em *O livro das ignoranças*, já no título, Manoel de Barros chama atenção para sua escolha linguística e existencial. A grafia *ignoranças* sugere uma revalorização da oralidade languageira e a sabedoria do homem da e na natureza, contrastada com saberes instituídos, como no poema “VII”:

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mais para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz que fazer
nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio (BARROS, 1993, p. 15).

Ao adotar o discurso da oralidade, personificado na voz infantil, o poeta elege o delírio do verbo – a Poesia – por sua capacidade de *fazer nascimentos*. E na imitação da natureza, em sua *verdez primal*, sua concepção poética espelha o espaço do Pantanal, em figurações bem características do chão viscoso e úmido das águas e das coisas pequenas, ínfimas que daí se formam. Os próprios títulos de tantas de suas obras já denotam uma insistente demarcação desse espaço geográfico, em que a



ISSN: 1983-8379

paisagem espelha uma forma de ser, pensar e agir: *Compêndio para uso dos pássaros, Gramática expositiva do chão, O guardador de águas, O livro das ignoranças, Tratado geral das grandezas do ínfimo*, são apenas alguns exemplos da forma típica com que Barros nomeia seus livros que configuram um poesia-vida e constrói sua “didática da invenção” (1993, p. 7).

As enchentes causadas pelas águas que descem em direção ao sul, fazendo transbordar o rio Paraguai, alagam o território do Pantanal Matogrossense, considerado a maior planície de inundação do planeta, englobando o sudoeste do Mato Grosso, o oeste do Mato Grosso do Sul, e parte do Paraguai e Bolívia. Dos alagamentos, cujas águas fertilizam o solo, deixando uma camada de lama, formam-se húmus de restos de animais e vegetais misturados à areia, trazendo à região grande concentração de fauna e flora que inspirariam versos sublimes. Mas Manoel de Barros privilegia, como matéria poética, o grotesco, as coisas minúsculas e ínfimas, como a lesma, o cisco, as lagartixas, que fazem a fecundidade e beleza rústica do Pantanal.

Também para o homem do Pantanal, a enchente impõe a condição da provisoriedade, que Guimarães Rosa identificou no homem do sertão. Trata-se, mais de um estado de vida, uma postura filosófica, também expressa na poética de Manoel de Barros, como se observa no poema:

Ontem choveu no futuro.
Águas molharam meus pejos
meus apetrechos de dormir
Meu vasilhame de comer.
Vogo no alto da enchente à imagem de uma rolha.
Minha canoa é leve como um selo.
Estas águas não tem lado de lá.
Daqui só enxergo a fronteira do céu.
(Um urubu fez precisão em mim?)
Estou anivelado com a copa das árvores.
Pacus comem frutas de carandá nos cachos (BARROS, 1993, p. 33).

Na condição de pantaneiro, a experiência do transitório é metaforizada na flutuação de uma rolha em meio às águas, onde a “canoa é leve como um selo”. E ante a sensação de total desprendimento do chão, de seguranças materiais, imposta pela condição natural da geografia e do clima do Pantanal, só resta ao poeta contemplar o insólito, o inusitado de sua condição.

Assim, surgem imagens, como “ontem choveu no futuro”, sugerindo um estado de vida que se eterniza, para quem vive e sobrevive no Pantanal, onde “Estas águas não têm lado de lá” e de onde não há terra: “só enxergo a fronteira do céu”, já que está “anivelado com a copa das árvores”.



ISSN: 1983-8379

Também nesses versos, tem-se o resgate da oralidade na original forma de expressão popular “fez precisão”. A fala rústica, quase censurada, na pergunta entre parênteses: “(Um urubu fez precisão em mim?)”, expressa uma poética do grotesco que se torna sublime, enquanto parte de um conjunto de idéias expressivas de um estado de vida, para o poeta que vê nas *ignorâncias* uma condição para a criação estética. Por isso, em outro poema, expressivo da cumplicidade do eu poético com o povo pantaneiro, irá resumir essa realidade existencial e estética: “Sofreremos alguma decomposição lírica até o mato sair na voz” (1993, p. 17).

Aqui, ao assumir a primeira pessoa do plural “somos”, o eu poético sugere uma postura identitária, junto ao povo pantaneiro, já poeta por natureza, lembrando a noção de “comunidade imaginada”, apresentada por Benedict Anderson, em *Nação e consciência nacional*. Anderson define a nação como “uma comunidade imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana” (ANDERSON, 1989, p. 14), assim identificada:

[...] a nação é imaginada como uma *comunidade* porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal. Em última análise, essa fraternidade é que torna possível, no correr dos últimos dois séculos, que tantos milhões de pessoas, não só matem, mas morram voluntariamente por imaginações tão limitadas (ANDERSON, 1989, p. 16).

O autor observa que, na cultura moderna, a utilização do possessivo “nosso”, se torna uma forma de identificação do indivíduo à sua nação. Este, ao invés de pensar na vida pessoal, utiliza o pronome possessivo pensando no “corpo representativo” (1989, p. 41), expressão reveladora da vaidade de determinado grupo, da qual “emerge uma consciência de conexão [...] sobretudo quando todos compartilham de um única língua-de-Estado” (1989, p. 66).

Nos versos de Manoel de Barros, assim como na narrativa de Guimarães Rosa, essa comunidade imaginada se evidencia, a todo instante, pela cumplicidade com a fala regional, pela filosofia de vida a partir das coisas simples, metaforizadas nas várias figurações do espaço. Entretanto, esse discurso se faz sempre crítico, sem ufanismo, ainda que deixe também expressiva uma utopia, uma idealização do comportamento humano e social que promova a inclusão, resgate e restaure a simplicidade e autenticidade de vida e convivência entre os homens e a natureza.



ISSN: 1983-8379

No *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, também as figurações do espaço irão se espelhar nos versos expressivos de uma “disfunção lírica” (BARROS, 2001, p. 9) do poeta, capaz de acolher até as grandezas de um cisco:

O cisco é infenso a fulgurâncias.
Depois de assentado em lugar próprio, o cisco
Produz material de construção para ninhos
De passarinhos.
[...]
O cisco há de ser sempre aglomerado que se iguala
a restos.
Que se iguala a restos a fim de obter a contemplação
dos poetas (BARROS, 2001, p. 11).

Na umidade da terra lodosa do Pantanal, o poeta aprende a viver sem pressa, como os caramujos:

Há um comportamento de eternidade nos caramujos.
para subir os barrancos de um rio eles percorrem um
dia inteiro até chegar amanhã
O próprio anoitecer faz parte de haver beleza nos
caramujos.
Eles carregam com paciência o início do mundo (BARROS, 2001, p. 31).

O tratado das grandezas, segundo Barros, faz-se contradiscurso, enquanto apregoa o ritmo silencioso e paciente dos caramujos, por seu “comportamento de eternidade”, como oposição ao ritmo frenético e excessivamente ruidoso do mundo moderno. Essa, realmente, é a opção de vida do próprio poeta, que, embora tenha vivido também em capitais brasileiras e no exterior, assumiu uma forma de vida simples e escondida, como uma grande árvore cujas raízes buscam a seiva poética na terra úmida do Pantanal.

Essa contemplação poética da paisagem, compondo um tratado das grandezas do ínfimo, inunda de lirismo a natureza simples dos passarinhos, formigas, pedras, lagartixas, lesmas, urubus... A arte e sabedoria de transformá-las em poesia é seu obsessivo postulado poético e existencial:

Para mim poderoso não é aquele que descobre ouro
Para mim poderoso é aquele que descobre as
Insignificâncias (do mundo e as nossas).
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado e chorei.



ISSN: 1983-8379

Sou fraco para elogios (BARROS, 2001, p. 19).

Por isso, no “Tributo a J. G. Rosa”, o poeta confessa a sua identidade com o alquimista das palavras, por sua gramática contaminada pela pureza do verbo que se espelha na simplicidade e beleza da fala rural:

Passarinho parou de cantar.
Essa é uma informação.
Passarinho desapareceu de cantar.
Esse é um verso de J. G. Rosa.
Desapareceu de cantar é uma graça verbal.
Poesia é uma graça verbal (BARROS, 2001, p.23).

E assim, o discurso metalinguístico de Barros se multiplica em versos impregnados das figurações desse espaço físico e existencial, como: “Catar coisas inúteis garante a soberania do Ser” (2001, p. 43); “Sou aquele/ que gastou sua história/ na beira do rio” (p. 52); “Meu desagero/ é ser fascinado/ por trastes” (p. 53); “Registros de lagartixas/ nas ruínas:/ elas têm sabimentos de pedras” (p. 54); “Palavras/ gosto de brincar com elas./ Tenho preguiça de ser sério” (p. 59); “Poeta/ é uma pessoa/ que reverdece nele mesmo” (p. 60); “Reconhecer a eminência/ dos insetos/ leva à sabedoria” (p. 60); “Preciso de alcançar/ a indulgência/ pedral” (p. 61).

Enfim, dentre tantas outras auto-revelações poéticas, no *Livro das ignoranças* tem-se o “Auto-retrato falado”, em que o próprio Barros se desvela no eu poético e confessa pertencer a uma comunidade imaginada:

“Me criei no pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios. / Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos./ [...] / Descobri que todos os caminhos me levam à ignorância” (1993, p. 103).

Enfatiza Stuart Hall que as sociedades da modernidade tardia se caracterizam pelos signos da *diferença*, do deslocamento e descentramento, da “formação do olhar do eu no Olhar do outro” (2005, p. 37). Assim Guimarães Rosa e Manoel de Barros concebem o ser humano, o mundo, à imagem e semelhança do diferente, daquilo que está à margem, como reflexo do imaginário que povoa o universo cultural, espelhado na paisagem física o aprendizado sobre a vida, ultrapassando-as:

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência ao longo do momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela



ISSN: 1983-8379

permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2005, p. 38).

Essa consciência da identidade em formação, entretanto, na poética desses autores, encontra o lugar comum no que permanece fixo, aí onde estão suas raízes. O *homem humano* e a paisagem se confrontam, entendem-se, num discurso da alteridade.

Considerações finais

A escritura poética de Guimarães Rosa, captura a alma humana, como *rosa* entalhada na fecunda aridez do sertão sem limites. Esse alquimista da palavra, pelo olhar crítico, intensamente humano, oferece ao leitor-ouvinte de suas estórias, a leitura cultural do universo do homem dos sertões das Gerais. Chega ao ponto de tornar seu texto ficcional, mais que um referencial da cultura regionalista, também uma expressão singular do universo sociocultural e existencial do homem da contemporaneidade.

Nos versos do pantaneiro poeta, Manoel de Barros, o *barro* se faz poesia. Terra e homem aprendem com a compostura das águas a simplicidade da vida, a sabedoria oculta na essência das coisas ínfimas.

Ambos os autores, em um rico inventário poético narra a história de uma coletividade e de si mesmos. Transfiguram, à imagem e semelhança de suas raízes culturais, o espaço originário, tanto pela linguagem, quanto pela maneira contemplar a si mesmos, ao outro e ao mundo.

Ao ousar uma poética do contradiscurso, da desrazão e das *ignorâncias*, Rosa e Barros se espelham em um cenário natural que se torna matéria bruta para o próprio fazer literário. E, ultrapassando as fronteiras de um discurso regional, criam um espaço figurativo, metáfora do grande cenário universal, em que se encena a grande arte do aprendizado da vida de cada indivíduo em relação com a coletividade e todo o universo.



ISSN: 1983-8379

E assim se constroi, pelo poético, a utopia – o não lugar – a comunidade imaginada que só é possível alcançar pela ótica da alteridade, da liberdade, do “compromisso do coração”.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

_____. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

COUTINHO, Eduardo de Faria. Guimarães Rosa: um alquimista da palavra. In: ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. v.1, p. 11-24.

CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Org. Afrânio Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

JORGE, Marco A. Coutinho. *Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan*. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. v.1: As bases conceituais.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: ROSA, J. G. João Guimarães Rosa. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995a. v. 1, p. 27-61.

ROSA, Guimarães. *João Guimarães Rosa: ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995a. v. I.

_____. *João Guimarães Rosa: ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995b. v. II.

RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. Paris: Seuil, 1985. (Tomo 3).

SILVA, Francis P. Lopes da. Guimarães Rosa: a lição do homem provisório. *Verbo de Minas Letras*. Guimarães Rosa: o regional e o universal & outros textos. V. 5, n. 9, jan./jun. 2006. p. 93-111.



ISSN: 1983-8379

_____. Histórias, estórias e memórias mineiras em Guimarães Rosa. In: ____ (Org.). *Itinerários da ficção rosiana: cultura, memória e identidade*. Caratinga: FUNEC Editora, 2007. p. 29-44.

_____. O sertanejo em Guimarães Rosa: lugar sertão se divulga. *Gláuucks*. Viçosa, v. 6, n.1, jan./jun. 2006, p. 40 -52.

SPERBER, Suzi Franki. *Guimarães Rosa: signo e sentimento*. São Paulo: Ática, 1982.